



## **DESAFIO METODOLÓGICO PARA ESTUDOS SOBRE JOVENS DE ORIGEM POPULAR E O MUNDO DO TRABALHO**

*Marilena Nakano*  
(professora do Centro Universitário Fundação Santo André)  
*marilena.nakano@gmail.com*

*Elmir de Almeida*  
(professor da Universidade de São Paulo – Ribeirão Preto)  
*elmir@ffclrp.usp.br*

### **1. INTRODUÇÃO**

Como pesquisadores estamos cada vez mais convencidos da importância do debate sobre os fundamentos epistemológicos e metodológicos que dão sustentação à pesquisa nas ciências sociais e humanas, especialmente no que se referem aos estudos que visam produzir conhecimento de populações qualificadas como “pobres”, de “origem popular”, “migrantes”, tais como, por exemplo, as pesquisas recentes que têm se dedicado o escrutínio das interações entre “jovens de origem popular” e o mundo do trabalho. De início, a própria adjetivação dada aos sujeitos a serem investigados pode revelar diferentes visões epistemológica se de estratégias metodológicas postas em jogo. Essas qualificações - e tantas outras como “precários”, “vulneráveis”, “pobres”, “da periferia”, “migrantes”, “alunos favelados”, “estudantes de camadas médias” - podem ser a ponta de um iceberg, pois joga luz apenas naquilo que é apenas aparente.

Tal preocupação foi ganhando corpo e tornou-se mais forte a partir do envolvimento direto dos autores do texto com um conjunto de pesquisas realizadas no Brasil e também em diferentes trabalhos desenvolvidos em França e em África. Para melhor situar o leitor: na realidade brasileira, envolvemo-nos com a realização de estudo denominado “estado da arte”, que analisou a produção acadêmica brasileira pós-graduada sobre juventude (período de 1999 – 2006) realizou-se pesquisas em regiões distintas do estado de São Paulo, na região urbano-industrial do Grande ABC Paulista e em Ribeirão Preto. Na França, desenvolveu-se estudo comparativo sobre as relações que jovens brasileiros, franceses e dinamarqueses com os universos da escolarização básica e do trabalho. Em países do continente africano, a primeira autora, em décadas passadas, coordenou e realizou pesquisas aplicadas e desenvolveu atividades de cooperação técnica-educacional.



Esse conjunto das vivências, em lugares tão distintos, com realidades socioculturais e econômicas tão diversas, tem nos proporcionado um rico cenário de experiências sociais e acadêmicas, e nos despertado para complexidade que envolve as questões epistemológicas e metodológicas na área da pesquisa científica. Como exemplo, é possível referir a uma inserção na França durante cinco anos, a qual contribuiu para a necessidade de repensar-se a categoria socioeconômica pobreza e bem como a categoria empírico-analítica denominada “precariedade”, esta última tão difundida em meios acadêmicos francês e brasileiro. Além disso, como realidades sociais e culturais tão diferentes como a de países como o Brasil e a França, impõem também a adoção de procedimentos metodológicos diversos, mesmo no quadro do que normalmente se denomina metodologia qualitativa.

## **2. PESSOAS COMUNS EM TERRITÓRIO “POBRE”:** A CULTURA DO PAÍS E OS DESAFIOS METODOLÓGICOS

Vários pesquisadores da área das Ciências Sociais têm como objetivos de investigação conhecer e compreender as pessoas ou indivíduos comuns que moram em territórios considerados “pobres”, “precários”, “populares”, “de risco”, “vulneráveis” assim como suas maneiras de ser e de viver, seus modos de vida, suas culturas, suas questões. Neste caso, a cultura do país onde se encontram, intervém na decisão de escolha do pesquisador quanto ao sujeito a ser pesquisado.

A experiência de pesquisa vivida na França por um dos autores deste texto, a qual lhe demandou a imersão em território de subúrbio parisiense considerado popular - espacialidade lá é denominada de “sensível”, permitiu perceber que há significativas diferenças entre pesquisadores franceses e brasileiros, com relação às representações mesmas do que é apreendido e admitido como “pobreza”, “precariedade”, indicando que estava-se diante de modos distintos de apreensão do território, seus atores individuais e coletivos, que vão além do quê sobre eles revelam os indicadores quantitativos.

No Brasil, muito rapidamente, e de maneira quase caricatural, tem-se a tendência de descrever o cenário de uma favela como uma das expressões da pobreza, da desigualdade, da segregação sócio espacial e étnico-racial, lugar das camadas populares. Na França,



também de maneira caricatural, identifica-se os bairros pobres como aqueles em que predominam moradias sociais, grandes torres, há ainda as *cités* ou os bairros de imigrantes, de distintas proveniências.

Na realidade brasileira é impossível esconder a pobreza, ela é visível para todos, seja nas favelas ou nos bairros populares. No fim do dia, nesses lugares, é um vai-e-vem que se instala, cheio de vida. Trabalhadores voltam de sua dura jornada de trabalho, se encontram nos pequenos cantos transfigurados de bares, falam alto, discutem as agruras ou as conquistas experimentadas no dia, debatem acaloradamente as preferências ou os desafetos futebolísticos, alguns já bêbados. Adolescentes, jovens, crianças que saem da escola, parecem felizes, eles se encontram na rua para jogar futebol, correr, brincar, “ficar”, fora dos muros da instituição que atualmente lhes fala muito pouco. Mulheres também voltam do trabalho – são diaristas, empregadas domésticas, faxineiras, ambulantes, algumas conversam entre elas, em pé, diante das portas de casas precárias, nas calçadas, nos becos ou estreitas travessas. Há um vai-e-vem de pessoas com mochilas, pequenas sacolas, carrinhas transportando gás, carrinhos cheios de materiais descartados que serão levados para os “ferros velhos”, para as áreas de despejo, para oficinas ou espaços de reciclagem de lixo ou assemelhados. Há, enfim, uma diversificada e rica sociabilidade difícil de não ser percebida.

Na França, a pobreza está escondida nos apartamentos, espaços privados da vida. No fim do dia, é possível ver aqueles que chegam, entram em suas casas sem pontos de parada ou interações. Crianças, filhos de imigrantes, ignorando os olhares de desaprovação dos franceses, ocupam os espaços públicos, como as pequenas praças, jogam, brincam. Jovens se escondem nos vãos das escadas dos prédios, como se buscassem lugares onde as trocas fossem possíveis, longe dos olhares e julgamentos muitas vezes discriminatórios dos “nativos”. À primeira vista, o bairro dá uma sensação de vazio.

Aproximar-se dos territórios “pobres”, “precários”, “sensíveis”, “vulneráveis”, enquanto lugares de estudo impõem-se aos pesquisadores um reconhecimento de suas existências. No Brasil é difícil ignorá-los. Na França, é preciso procurá-los para encontrá-los. É claro que



esses dois cenários exigem dos pesquisadores formas diferentes de aproximação, uma vez que a pobreza não se revela uniforme, homogênea, às vezes não sendo imediatamente identificável ao primeiro olhar. Deste modo, os procedimentos metodológicos devem ser também considerados diferentemente. As escolhas sobre as mais adequadas estratégias metodológicas para a pesquisa científica tornam-se ainda mais complexas quando se considera ainda a formação cultural do pesquisador em face da cultura predominante de seu país.

Como abordar a pobreza no Brasil onde o fenômeno é tão visível que pode conduzir o pesquisador à ideia de que nada se esconde atrás de algo que aparenta ser evidente, transparente? Como não cair na armadilha de que tudo que é visível e que este visível é a mais pura expressão da verdade? Não há como não considerar que algumas das maneiras de ser de um país, seus costumes, hábitos, modos de comportamento no espaço público, formas simbólicas de comunicação, exigem diferentes estratégias de pesquisa. Nem sempre a opção pela pesquisa qualitativa, suas estratégias e técnicas, é suficiente.

## **2.2 De um país a outro: a necessidade do debate sobre os aportes epistemológicos**

CORROCHANO & NAKANO (2009) E ALMEIDA (2009) participaram de pesquisa que efetuou um balanço da produção acadêmica brasileira pós-graduada no campo da juventude, analisando os trabalhos que se dedicaram ao exame das relações entre “jovens e trabalho” e dos movimentos e coletivos juvenis, respectivamente. No inventário que realizaram, identificaram que muitos pesquisadores são fortemente influenciados por determinados aportes teóricos desenvolvidos por pensadores franceses, tal situação foi claramente identificada naquelas produções brasileiras que voltaram-se à análise das condições sociais e econômicas de jovens “pobres”, “populares”. Nos estudos que analisaram, chamou-lhes a atenção à apropriação e uso que mestrandos e doutorandos brasileiros fizeram da noção de "precariedade", tal como proposto pelo sociólogo CASTEL (1995) em análises efetuadas sobre sociedade francesa, e sua importância para compreender as mudanças que estão em curso em nossas sociedades. Corrochano & Nakano e Almeida



avaliaram que este conceito pode perder a sua potência analítica no Brasil, quando usado sem a necessária reflexão sobre as aproximações, as distâncias, as semelhanças e diferenças que há entre as realidades francesa e brasileira. Sem os devidos cuidados, ou clivagens, o conceito usado por Castel torna-se vago, empobrecido e pouco contribui para entender a realidade brasileira, e as diversas manifestações do que Castel chama de "crise da sociedade salarial" e a instalação da "precariedade".

No Brasil, assim como em Portugal e, sobretudo, em muito países africanos, que a pouco conquistaram a emancipação política, o Estado-providência vem estruturando-se de modo muito diverso do caso francês; nos casos brasileiro, português e de países africanos -a exemplo de Moçambique, as políticas públicas de proteção social não foram amplamente estabelecidas. Assim, as noções de sociedade salarial, de estado de bem-estar, de "precariedade" têm outros contornos nestas realidades, é preciso tomar cuidado para não tomá-las por idênticas ao caso francês.

### **2.3 Ferramentas e dados quantitativos: uma história em cada país**

Mesmo em pesquisas qualitativas, dados quantitativos são usados com frequência. Por isso, além da cultura do povo e de pesquisadores que investigam em diferentes países, temos que discutir as ferramentas e os dados disponíveis. No caso dos países da Comunidade Européia, nela Portugal, há bancos de dados estatísticos potentes, o *Eurostat* é um desses exemplos. Temos vários exemplos de pesquisas realizadas com dados daquela base, dentre elas o estudo sobre a pobreza e a precariedade nos países membros da Comunidade Européia, coordenado por PAUGAN (2003), e pesquisa sobre juventude coordenada pela instituição italiana IARD (2001). Nos países que integram aquela comunidade, a existência de bancos de dados estatísticos com resultados de estudos longitudinais contribui decisivamente para o aprofundamento das análises que realizam os pesquisadores, sobre as mais variadas questões que emergem no contexto das mudanças socioeconômicas e culturais lá em andamento; os produtos dos estudos estatísticos longitudinais auxiliam-nos a refletir com maior largueza e radicalidade sobre as



possibilidades de futuro.

Para sublinhar ainda mais a importância da existência de bases de dados estatísticos de longa duração, pode-se tomar os resultados de estudo recente desenvolvido por VAN DE VELDE (2008). O acúmulo disponível naquelas bases de dados permitiu à pesquisadora fazer uma análise comparativa sobre os modos de transição dos jovens para idade adulta, em diversos países europeus - Itália, França, Reino Unido e Dinamarca. A pesquisa da sociológica revelou que, naqueles contextos nacionais, tornar-se adulto é processo complexo, no qual se cruzam, simultaneamente, escolhas individuais, razões estruturais, condições familiares e mutações sócioeconômicas em andamento. Além disso, a pesquisadora analisou o papel do Estado em cada país e as políticas que eles concebem e implementam tendo em vista contemplar as diferentes formas de inserção dos jovens no mercado de trabalho.

Nos casos brasileiros e também nos casos de alguns Estados africanos não há, infelizmente, bases de dados dessa natureza. Isso impõe, aos pesquisadores, condições de pesquisa bastante diferentes daquelas que encontrou Van de Velde. Se tomarmos a análise daquela pesquisadora como verdade que permite compreender e explicar os modos de transição juvenis para a vida adulta de realidades como a brasileira e as de diferentes sociedades africanas, corremos o risco de cometer graves erros de análise porque as famílias, as instituições estatais, desempenham papéis muito diferentes quando se trata de compararmos a França com Brasil, Portugal e realidades nacionais de África.

Nós, pesquisadores brasileiros, temos ainda um longo percurso a fazer, antes que as instituições do Estado organizem bancos de dados com características semelhantes aos estruturados pela Comunidade Européia, por exemplo.

### **3. ETAPAS DA METODOLOGIA DE PESQUISA QUALITATIVA E A CULTURA BRASILEIRA**

Após as considerações acima, abordar-se-á a seguiras etapas da metodologia qualitativa de uma das pesquisas desenvolvida há 15 anos, por um dos autores deste



texto (NAKANO, 1995). Tal enminhamento tem por objetivo aprofundar o diálogo com pesquisadores sobre a complexidade que envolve a escolha das estratégias ou procedimentos metodológicos no âmbito da pesquisa nas Ciências Sociais ou Humanas. Além disso, parte-se do pressuposto que a experiência de pesquisa vivida junto a jovens de uma favela, território “pobre”, “sensível”, “precário” pode ainda indicar possibilidades para a reflexão, mesmo decorridos tantos anos de sua realização.

A pobreza no Brasil impressiona a todos. Ela é visível para todos. Na França, a pobreza era visível nos bairros miseráveis, quase favelas, nos anos 50, na época do *Abbé Pierre*. Hoje, neste país, não é tão fácil comparar a pobreza dos bairros pobres da década de 50 com a precariedade dos anos 2000. Entretanto, a pobreza existe, lá, fala-se de “sofrimento”, de “insegurança”.

Quando a pobreza não é visível, fazer pesquisa sobre ela não é coisa óbvia. Também os pesquisadores são mais ou menos sensíveis a este tema e aos sujeitos tocados por ela. Além disso, se aproximam diferentemente das pessoas dos territórios “pobres” e/ou “precários”. Para aprofundar este debate, retoma-se aqui para a análise as etapas da pesquisa realizada há 15 anos.

### **3.1 Aproximação do campo: pequeno retrato do cenário**

A pesquisa foi feita em uma “favela”, na região do Grande ABC, na cidade de Mauá, uma das regiões mais ricas do país, berço do “novo sindicalismo” e da organização autônoma dos trabalhadores, que escaparam ao controle do Estado. Região onde Lula nasceu politicamente como líder metalúrgico, tornando-se mais tarde presidente da República.

A “favela”, situada na entrada da cidade, posicionava-se como uma porta de entrada para as pessoas que chegavam à localidade. Ela era expressão da pobreza. Em 1990, nela habitavam cerca de 20.000 pessoas. Ela era maior do que muitas cidades européias. A “favela” era conhecida pelo “outro”, não-residentes, como o lugar mais violento da região. Naquele território, dois atores se opunham: um ligado ao mundo da violência, marcado pelo



silêncio, e outro, o mundo dos movimentos sociais, marcado pela palavra. Os meios de comunicação difundiam a idéia de que os jovens faziam parte do mundo de violência, sem fazer as clivagens necessárias, como se todos fossem iguais. Desta forma, contribuíam para a estigmatização dos jovens. Alguns jovens faziam parte do mundo de violência, outros eram trabalhadores, estudantes. Mesmo estes últimos não participavam do movimento social pela urbanização da favela. Ativistas daquele movimento, um dos maiores do Brasil, reclamavam da dificuldade em atrair a atenção dos jovens para as ações do movimento. Eles afirmavam nem mesmo saber onde estavam os jovens, e o que eles faziam.

Como pesquisadora interessada nos movimentos sociais e juventude, e suas possíveis relações, importava saber: "onde estavam os jovens? Eles produziam outras formas associativas?" Analisar a dinâmica desta favela significou entender um pouco sobre um fenômeno geral no Brasil.

Há 15 anos, os pesquisadores interessados em compreender as relações entre juventude, ação coletiva e luta social constatavam certo declínio na participação juvenil em mobilizações populares, que emergiam na periferia de cidades brasileiras como São Paulo. Percebia-se um refluxo no interesse e participação desses sujeitos em atores coletivos com os partidos políticos e sindicatos. Os investigadores sociais se ressentiam - e ainda sentem - de uma dificuldade efetiva renovação geracional. Os atores jovens não apareciam como revitalizadores de conflitos, permitindo desta forma a continuidade da ação coletiva (SPOSITO, 1994).

Também por tais razões, o jovem "pobre", "favelado", chamava atenção por sua ausência no movimento de urbanização da cidade de Mauá, assim como chamava a atenção a presença de poucos no mundo da violência. Para os jovens daquele lugar, crescer era uma tarefa difícil, não só devido à sua condição juvenil, mas também pelo fato de que viviam essa fase da vida em um cenário complexo, marcado pela pobreza, discriminação, violência, viviam no interior de mundo marcado por uma ambiguidade: de um lado, um mundo sem futuro, do outro, um mundo em que a esperança de uma vida verdadeiramente melhorera o vetor da luta social. Mesmo não sabendo onde estavam os jovens desta favela,



a sua invisibilidade não significava sua "não-existência". Tratava-se de sujeitos concretos, mas invisíveis. Era preciso encontrá-los, ouvi-los. Saber deles mesmos as suas experiências, dentre elas aquelas relativas ao mundo do trabalho.

### **3.2 Escolha do campo de pesquisa e do tema ancorados à história do pesquisador**

Como pesquisadora que se aventurava pelo trabalho de campo naquela favela, nela não chegava sem história e acúmulos de intervenção na luta social na Região do Grande ABC, pois durante toda a juventude até à idade da maturidade em 1992, militara em movimentos sociais, em sindicato e em partido político, o Partido dos Trabalhadores. De alguma forma, era militante conhecida pelo compromisso com as camadas populares e com as lutas dos trabalhadores. Sem dúvida, este foi um problema na escolha do campo de pesquisa. Era necessária certa distância, mesmo considerando-se que as pesquisas não são neutras. A distância fazia-se necessária para não se perder a possibilidade de análise crítica, com certa isenção. Mas, ao mesmo tempo, a minha incursão e experiências obtidas no interior de movimentos sociais permitiu-me facilmente acessar lugares e pessoas em função das relações de confiança estabelecidas e dos compromissos firmados em torno das lutas dos trabalhadores e dos movimentos populares. Confrontada a esta situação, decidi por permanecer na região que me era familiar, mas ao mesmo tempo busquei um território onde não havia atuado enquanto participante de movimentos. Era necessário que pudesse evidenciar o lado pesquisadora, mais do que o da ativista política.

Tal decisão preliminar é o que me fez chegar à favela na cidade de Mauá. Dentro dela ele só conhecia alguns atores do movimento de urbanização, sem nunca ter trabalhado com eles. Eles reclamavam da ausência dos jovens no movimento e consideravam esta ausência como uma falta de interesse em mudar seu lugar de moradia.

Hoje, numa mirada reflexiva para as contingências que cercaram a realização daquele estudo, pode-se afirmar que minha percepção de “pobreza” naquela Região, minha história de inserção nas lutassociais que emergiam naquela específica espacialidade, ajudou-me a entrar na favela e estabelecer uma relação de confiança com os jovens, na medida em que foram determinados aspectos da história que ali vivique permitiram uma entrada



relativamente fácil no campo de pesquisa e auxiliou-me a construir um relacionamento de empatia com eles. Havia uma história, uma história pessoal, a qual permitia aos sujeitos da pesquisa saber quem era a pesquisadora. Sobre este aspecto, o da empatia e da confiança que os sujeitos da pesquisa estabelecem com o pesquisador, lembro trabalho recente de Didier Lapeyronnie (2008), *Ghetto urbain*. Nesta obra, quando autor discorreu sobre os aportes metodológicos de sua pesquisa, pode-se apreender que um dos destaques foi a relação de confiança estabelecida entre pesquisadores e sujeitos estudados (entrevistados). A relação de confiança entre o pesquisador e sua equipe e as pessoas de uma cidade média, segundo os padrões franceses, também vinha de uma história anterior de aproximação a populações “pobres”.

Para aprofundar esta reflexão, retoma-se aqui a pesquisa acima mencionada, desenvolvida em favela incrustada na Região do Grande ABC (1995). À época, a decisão que tomei por conhecer jovens, sujeitos “invisíveis” naquele lugar, evidenciava a disponibilidade para conhecer as atividades desses sujeitos, seus sentimentos, seus pensamentos, sem deixar-se aprisionar pela visão mesma dos atores do movimento de urbanização, segundo os quais os jovens não se interessavam por coisa alguma. Por outro lado, como pesquisadora, considerava também que os jovens vivem sua condição juvenil não só por fatores externos a eles, mas também, através das possibilidades e sentidos que se produzem nas suas vidas diárias. As experiências juvenis produzidas naquela favela eram pouco conhecidas, assim, conhecê-las era importante, pois, provavelmente, continham indicações de suas idéias, das normas e dos valores que percorriam a vida social do lugar e eram também reveladoras da capacidade de criação desses sujeitos; sujeitos que se mostravam por vezes contraditórios, na medida em que eram marcados por conflitos, existentes no interior da família, da igreja, no mundo do trabalho, na escola, nos locais de lazer, cultura e esporte e também os provenientes das relações que opunham o mundo da ordem e do movimento e o universo da violência, do ilegal, do ilícito. Admitia-se, ainda, que as experiências juvenis podiam também apontar para outros elementos específicos da condição juvenil aquela favela, bem como algumas mudanças estruturais em curso nos



novos tempos.

Aproximar-se das experiências dos jovens, em seu cotidiano, significava conhecer a capacidade dos mesmos em serem sujeitos coletivos, sujeitos capazes de se associarem em torno de temas de seu interesse, revelando formas específicas de produção da própria favela, ainda que esses jovens fossem invisíveis para os atores do movimento social da urbanização. Em suma, os jovens não podiam ser vistos e analisados como produtos isolados do território estudado, pois eles reagem à forma de adultos agirem e pensarem. A relação que os jovens mantêm com a geração de adultos pode revelar rejeição ou aceitação, renovação ou repetição, pois "é com os adultos que eles aprendem a ser jovens" (FORACCHI, 1972).

Num contexto de incerteza, percorri um longo caminho, passando pelas ruas e becos da favela e também pelas redes de relacionamentos que, gradualmente fui encontrando. Este foi também o caminho da produção das etapas da metodologia da investigação desenvolvida.

- Primeiro, conheceu-se a favela através de documentos disponíveis, jornais, documentos das associações da favela, folhetos, projetos escritos, dados estatísticos. Além disso, através de entrevistas com os líderes nesse território (os líderes eleitos do movimento, presidentes de associações, religiosos). Tudo isso fez com que houvesse a aproximação dos atores da favela, tornando-os visíveis, a partir do próprio espaço estudado.

- O segundo desafio era o de encontrar os jovens. A entrada na favela se deu pelas mãos do movimento de urbanização, constituído basicamente por adultos. Os adultos diziam nada saber sobre os jovens da favela mas eles mesmos terminaram por indicar a pessoa certa, aquela que se transformou num guia para encontrar outros jovens e seus grupos, nos meandros daquele lugar. O jovem conhecia não só os demais jovens da Igreja Católica, como também inúmeros outros envolvidos com o mundo da violência. Ele sabia da existência de diversos outros grupos, mesmo sem uma relação estreita com eles. Através deste jovem, se deu a entrada do pesquisador no mundo da violência. Em reunião ocorrida em local escondido, longe da favela, corajosamente, um jovem envolvido com o mundo da



violência revelava o percurso vivido por crianças e pessoas da sua idade para chegar ao crime, da inserção nesse universo até à permanência até a morte precoce. Momentos como este são reveladores do nível de confiança entre o pesquisador e o sujeito pesquisado. Revelador da extensão de uma relação de confiança nascida do encontro com o jovem da Igreja Católica e que se espalhou para outros jovens. Assim se revelava as possibilidades de uma pesquisa rica.

- O terceiro passo consistiu em ir até a delegacia da cidade, com a finalidade de acessar banco de dados, descobrir e analisar como muitos casos de roubos, assassinatos e outros crimes não eram cometidos por jovens daquele núcleo pesquisado, conhecido como o mais violento da Região. Desvendava-se pouco a pouco que a imagem de “favela violenta” na região não correspondia à realidade. A possibilidade de polemizar uma certa visão predominante induziu-me a não a não aprisionar-me a um mundo cheio de mistérios - o da violência. A decisão foi por aprofundar a pesquisa sobre os jovens como produtores de diferentes formas associativas e que indicavam outras possibilidades de socialização, não só marcadas pela dominação ou produzidas por movimentos sociais.

- Assim se constituiu a quarta etapa da pesquisa, aquela marcada pela reflexão sobre preconceitos contra jovens, tais como as visões de que são “individualistas”, “alienados” e “consumistas”. Tratava-se de condição necessária para aproximar-se de suas formas associativas. A partir desse ponto, imerso no território, não uma imersão qualquer. Foi possível mergulhar na cultura do local, ia-se uma, duas, três vezes por semana àquele território, para descobrir os grupos de jovens em ação durante, e assim foi durante um ano e meio. Um grupo levava a outro, e assim, sucessivamente, até encontrar-se sete diferentes grupos, em diferentes espaços, fazendo também atividades diferentes: religião, música, crochê, futebol, escola de samba e grupos de amigos que se reuniam diariamente para conversar, comemorar aniversários, fazer festas na rua, passear junto. Todos os grupos sabiam que estavam diante de uma pesquisadora, todos lhe permitiram fazer o caderno de campo, tomando notas. Muitos dos jovens permitiram-lhe entrar em suas casas, às vezes como convidada, outras atendendo pedido da investigadora, com o objetivo de conhecer o



espaço familiar. Nesses percursos, estabelecera-se uma relação de confiança. Pouco a pouco a pesquisadora, sem saber, estava em vias de encontrar achados que a conduziram a aproximar-se do pensamento de RANCIÈRE (2009) sobre a emancipação do trabalhador.

Para este filósofo, todos os explorados conhecem e sabem da existência da exploração e da dominação. Todos sempre souberam que são explorados e dominados. A emancipação do trabalho é a capacidade de cada um realizar esta atividade de novas maneiras, de encontrar novas formas de dizer como ele a realiza enquanto sua criação, novas maneiras de ver, novos modos de ser que estejam em desacordo com os impostos pelos mecanismos da dominação. Assim, por exemplo, um jovem que faz do trabalho aquilo que realiza na escola de samba, ao produzir as fantasias carnavalescas, reconhece nele sua grande obra de arte. Por essas vias, pelas vias do estético, ele escapa da exploração e da dominação, reconhecendo a beleza que foi capaz de produzir. É o trabalhador que goza dos prazeres do olhar estético. A partir dos itinerários percorridos, a pesquisadora vai encontrando novas formas associativas, distintas do movimento de urbanização, tal como o grupo de jovens da escola de samba.

- Após um ano de observação, coleta de dados na delegacia de polícia, em jornais, de anotações feitas em caderno de campo, foi possível fazer uma análise preliminar dos dados, a qual indica pontos que careciam de maior aprofundamento, de maneira mais bem conhecer os jovens daquela favela. Para isso, dois instrumentos foram preparados: a) um questionário para obter dados de base: idade, nível de estudo, trabalho etc., cuja aplicação se deu sem problemas; b) entrevistas com base nas observações e anotações feitas a partir de temas que surgiram durante um ano e meio de imersão no campo. As entrevistas foram feitas em grupos, respeitando as formas associativas produzidas pelos jovens. O gravador foi utilizado e também se contou com a ajuda de outro pesquisador para registrar as reações, postura corporal, uma vez que era impossível a uma única pessoa dar conta de tudo durante a entrevista. A pessoa selecionada para colaborar com tal trabalho também conhecia a favela. Também havia sido ativista dos movimentos sociais naquela cidade. Assim, os jovens reconheciam na história daquela colaborada elementos onde pudessem



ancorar uma confiança, necessária para aceitar sua presença durante as entrevistas.

- Finalmente, a sexta etapa da pesquisa foi a análise de todo o material coletado. É neste momento que do ponto de vista epistemológico uma noção dos movimentos sociais foi recuperada pela pesquisadora.

Se inicialmente um dos aportes teóricos da investigação fora TOURAINE (1984), à medida que o estudo avança, pouco a pouco, a pesquisadora foi se aproximando das formulações elaboradas pelo sociólogo brasileiro Eder Sader (1988), quando este estudara o movimento dos Metalúrgicos do ABC, e também houve a aproximação das contribuições oferecidas pelos estudos do sociólogo italiano MELUCCI (1991). Nas contribuições de Melucci achou-se principal chave de leitura dos dados relativos às ações juvenis no território da favela. Dele, os conceitos de “ação invisível” e “latência” tornaram-se potentes para compreender as diversas iniciativas de cada grupo de jovens ali inseridos.

Com tal arsenal, foi possível à pesquisadora, pouco a pouco, mudar seu olhar e sua percepção sobre os sujeitos juvenis daquele lugar. Os jovens lhes mostraram outra maneira de ser, diferente daquela que predominava nos movimentos sociais que a pesquisadora militara. Os jovens falavam, por meio de suas ações, de um movimento social basicamente constituído de adultos, que não os percebiam porque aprisionados em sua própria maneira de fazer política, adultos que se mostravam incapazes de pensar sobre a “maneira de ser” porque presos à luta pelo “ter”, asfalto, casas de alvenaria, ônibus... Assim, os jovens revelaram não um individualismo de mercado, mas um individualismo expressivo, que para sua realização era necessário mobilizar o coletivo (LAPEYRONNIE & DUBET, 1992). Era a expressividade que estava em jogo: ser um jogador de futebol bonito, ser um sambista de escola de samba que dança na avenida, ser uma artista no crochê, ser um bom violonista... A própria visão de democracia se transformava gradualmente.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Após todas essas considerações, propõe-se refletir e debater sobre a metodologia qualitativa na pesquisa científica com os pesquisadores luso-afro-brasileiros,



especificamente discutir sobre quais caminhos deve-se percorrer para conhecermos territórios “sensíveis”, “pobres”, “populares”, “de risco” e, neles, jovens trabalhadores, não pelas ações tradicionais como de partidos, sindicatos e “movimentos sociais” que chamam a atenção para a precariedade, nem pelo mundo da violência, mas pelas inúmeras ações que produzem os jovens mesmos, que muitas vezes são invisíveis, mas que podem dar conta da existência de novos modos de ser, de fazer, de sentir, de produzir um cotidiano que escapa ao controle daquele que domina?

Aqui, é interessante ressaltar a pesquisa feita por Lapeyronnie (2008) que, do nosso ponto de vista, vai nesta direção, pois nela o pesquisador francês fez uso de um conjunto de dados obtidos por meio de diferentes procedimentos metodológicos: intervenção sociológica, entrevistas semi-diretivas, histórias de vida. Como ele mesmo escreve: *présence et patience sont nécessaires pour gagner une certaine confiance des habitants et percevoir la réalité de la vie sociale et de son organisation derrière un vide apparent* (LAPEYRONNIE, 2008).

Em *Ghetto Urbain* (2008), Lapeyronnie parte da noção “gueto urbano”, para falar de territórios pobres – e é preciso lembrar que pesquisadores franceses resistem em aceitar que na realidade francesa possa existir algo similar aos guetos norte-americanos, numa atitude de negação da existência da segregação associada à pobreza. No caso brasileiro, a pobreza desnudada nos impede de não vê-la. Na França, a pobreza também existe, mas hoje ela fica encoberta pela ideia de “precariedade”. Bastaria acompanhar a vida de imigrantes neste país, o mesmo talvez valha para Portugal, para darmos conta de inúmeras dimensões da pobreza que pode-se apreender em ambos. Porque um número tão pequeno de pesquisadores franceses se debruçam sobre o tema da pobreza em seu país? Porque tantos pesquisadores brasileiros se debruçam sobre a pobreza no Brasil, mas presos às dimensões nela visíveis deixam de lado o que nela há de invisível, aquelas dimensões produzidas pelas próprias pessoas, revelando que são capazes de escapar da dominação e exploração existente? O que acontece na África, países com longa história de colonização, sua gente, com formas invisíveis de produzir a vida? E seus jovens, como se deparam com a questão



do trabalho nos tempos atuais?

Finalmente, a experiência vivida em países diversos e lugares diferentes no Brasil, permite-nos refletir sobre a importância do debate acerca dos procedimentos metodológicos em pesquisas de natureza qualitativa nas Ciências Sociais, e sua forma de concretização em cada lugar, numa troca permanente entre pesquisadores, procurando evidenciar o que há de comum e o que há diferente, algumas vezes de difícil de reaplicação.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Elmir (2009), Os estudos sobre grupos juvenis : presenças e ausências. In SPOSITO, Marília Pontes (2006). *O estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira – Educação, Ciências Sociais e Serviço social (1999-2006)*, volume 2, Belo Horizonte: Argvmentvm, p.17-61.
- BEAUD, Stéphane et WEBER, Florence (2003), *Guide de l'enquête du terrain*, Paris, La Découverte.
- BRUN, François (2004), Le projet des migrants, une affaire de temps, Acte de la Conférence Européenne, *Usages sociaux du temps et migrations – Les familles à la croisée de l'espace et du temps*, Comité économique et social européen, Bruxelles, 12-13 janvier 2004, pp. 101-112.
- CASTEL, Robert (1995), *Les métamorphoses de la question sociale, chronique du salariat*, Paris : Fayard.
- CORROCHANO, Carla ; NAKANO, Marilena (2009). Jovens e trabalho. In: Sposito, Marília Pontes (2006). *O estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira – Educação, Ciências Sociais e Serviço social (1999-2006)*, volume 2, Belo Horizonte: Argvmentvm, p.17-61.
- DUBET, François; LAPEYRONNIE, Didier (1992), *Les quartiers d'exil*, Paris, Editions Du Seuil.
- FORACCHI, Marialice M. A (1972), *Juventude na sociedade moderna*, São Paulo, Pioneira.
- IARDI (2001), *Etude sur la condition des jeunes et sua la politique pour la jeunesse en Europe – Rapport définitif*, disponible en [http://ec.europa.eu/youth/archive/doc/studies/iard/summaries\\_fr.pdf](http://ec.europa.eu/youth/archive/doc/studies/iard/summaries_fr.pdf), acessado em janeiro, 2007.
- LAPEYRONNIE, Didier (2008), *Ghetto urbain : ségrégation, violence, pauvreté en France aujourd'hui*, Paris, Robert Laffont.
- MARTINS, José de Souza (2001), Depoimento : periferia revisitada. In *Espaço & Debate*, Ano XVII, n. 21, NERU, São Paulo, p.75-84
- MELUCCI, Alberto (1991), *L'invenzione del presente*, Bolonha, societa Editrice Il Mulino.



- NAKANO, Marilena; ALMEIDA, Elmir (2007), Reflexões acerca da busca de uma nova qualidade da educação: relações entre juventude, educação e trabalho. In: Revista *Educação & Sociedade*. Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial p. 1085-1104, out.
- NAKANO, Marilena (1995), *Jovens: vida associativa e subjetividade: um estudo dos jovens do Jardim Oratório*, São Paulo, Dissertação (Mestrado - Sociologia) FEUSP
- PAUGAM, Serge (2003), La société démocratique face aux inégalités -Les nouvelles inégalités entre salariés, Cahiers Français, N° 314, *La société française et ses fractures*, La Documentation Française, Paris, p. 11-17.
- RANCIERE, Jacques (2009), « Critique de la critique du ‘spectacle’ », entretien avec Jacques Rancière par Jérôme Game, *La Revue Internationale des Livres & des Idées*, n° 12, juillet-août, 46-52.
- SADER, Eder (1988), *Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo (1970-80)*, Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- SPOSITO, Marília Pontes (1993), A sociabilidade juvenil e a rua : novos conflitos e ação coletiva na cidade, *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, 5(1-2): 161-178, editado em novembro 1994.
- TOURAINÉ, Alain (1984), *Le retour de l'acteur*, Paris, Fayard.
- UNGER, Roberto Manguabeira (2010), Os batalhadores e a transformação do Brasil. In SOUZA, Jessé, *Os batalhadores brasileiros : uma nova classe média ou nova classe trabalhadora?*, Belo Horizonte : Editora UFMG, 2010 p.9-17
- VAN DE VELDE, Cécile (2008), *Devenir adulte. Sociologie comparée de la jeunesse en Europe*, Paris, PUF, Le Lien social».